

FOT: NANCY HAN, QIM, CUPA CHINA, XE, JAVIER FIGUEROA

JANAÍNA FIGUEIREDO



Um presidente sem nada a perder

Mais de seis meses após assumir o poder, o presidente da Argentina, Javier Milei, ainda não tem a roupa de candidato. Com a campanha de 2023, nos últimos dias o chefe de Estado mostrou seu lado mais radical, politicamente incorreto e ousado. Sem titubear, Milei encanou uma crise diplomática com a Espanha, país tradicionalmente próximo de todos os go-

vernos argentinos; disse que não lhe importava "um cavalo" a atitude de setores do Parlamento que estão bloqueando seus projetos de reforma e que o implementaria "de qualquer jeito"; e organizou o lançamento de um novo livro sobre economia — e contra o socialismo — num estádio portenho, com direito a show de rock, lembrando seus comícios do ano passado.

Apesar dos esforços de seus articuladores políticos e da chanceler Diana Mondino, o presidente faz e diz o que lhe vem à cabeça, muitas vezes sem medir consequências. Muitos — inclusive no Gabinete — não entendem a lógica disruptiva de Milei. Mas para quem o observa há algum tempo, não é difícil de explicar. O economista que ficou famoso com participações escandalosas em programas de TV não pensa nem atua como um político tradicional porque não é.

Milei sabe que o terreno onde pisa mais forte é a confrontação, seja com um presidente estrangeiro, um adversário no Congresso, um artista, sindicalista, líder estudantil ou qualquer pessoa que o desafie publicamente. Sua capacidade de engajar seguidores está diretamente relacionada ao que os que não o entendem defi-

nem como loucura. Suas excentricidades são um ímã para amplos setores da sociedade — principalmente os mais jovens — descepcionados com a política tradicional, as boas formas e o protocolo. Para esses argentinos, no bate-boca com o premier espanhol, Pedro Sánchez, o líder da ultradireita argentina cresce.

Mas Milei não cativa apenas os jovens. Esta semana, ouvi uma senhora de 72 anos dizer que o presidente "é meio doído, sim, mas é uma pessoa idônea. Merece uma chance. O resto são todos corruptos". É pensando nesse público que Milei ataca cada vez com mais veemência o kirchnerismo e o que chama de "casta política" em geral.

Não se deve esperar moderação dele, e muito menos em momentos em que a Argentina atravessa uma recessão galopante. Seu governo conseguiu evitar uma hiperinflação e, gradualmente, conter a escalada de preços. Também equilibrar as contas públi-

cas graças a um ajuste fiscal brutal. São boas notícias, mas num país no qual a produção industrial despencou 21,2% em março, frente ao mesmo mês do ano passado, o pior resultado desde a pandemia, a crise é profunda, já que para segurar a inflação, Milei estourou a economia. Nenhum analista se arrisca a dizer quando começaria um processo de recuperação, e na Casa Rosada essa pergunta recebe como resposta caras de paisagem. Enquanto isso, Milei, um presidente que não tem nada a perder, continua chutando baldes e apostando, essencialmente, em dois fatores para preservar sua popularidade: o enorme desgaste de seus opositores, e a necessidade que milhões de argentinos têm de acreditar que o país vai sair do buraco.

Se não sair, o eixo da narrativa de Milei será de um presidente impedido de implementar seu programa. Se sua estratégia der certo, ele fará uma excelente eleição legislativa em 2025 e provavelmente será reeleito em 2027. Se der errado, a culpa será dos outros, e Milei, o fenômeno político que muitos ainda não entendem e que será capa da revista americana Time em junho, encontrará a maneira de sair fortalecido.

Taiwan chama de 'irracionais' manobras de forças chinesas

Pequim faz exercícios militares 'contra o separatismo' em torno da ilha autônoma dias após posse de novo presidente

FOT: AP

O Ministério da Defesa de Taiwan classificou como "provocações irracionais" os exercícios militares realizados pela China que cercaram o arquipélago ontem. Pequim iniciou as manobras após o novo presidente taiwanês, Lai Ching-te, assumir o cargo na segunda-feira e defender a separação da China continental, apelando para que o governo chinês "acabe com a intrusão política e militar". Autoridades chinesas justificaram a medida como uma "punição pelos atos separatistas".

O governo taiwanês anunciou ter detectado 49 aviões chineses durante as manobras, dos quais 35 cruzaram a linha mediana que divide o Estreito de Taiwan. Como resposta, segundo publicado pela AP, Taiwan mobilizou ja-

tes e colocou unidades navais, terrestres e de mísseis em alerta. O Ministério da Defesa afirmou que "a provocação irracional da China põe em risco a paz e a estabilidade regionais", e ressaltou que Taiwan não buscará conflitos, mas "não se esquivará de um".

"Este pretexto para conduzir exercícios militares não apenas não contribui para a paz e a estabilidade através do Estreito de Taiwan, mas também mostra sua natureza hegemônica", escreveu o ministério taiwanês em publicação no X (ex-Twitter). "Estamos prontos, com vontade firme e moderação. Temos a confiança necessária para salvaguardar a nossa segurança nacional", continuou.

Considerado pelas autoridades chinesas um "separatista perigoso", Lai assumiu a Presidência com um discurso



Frente a frente. Navios da Guarda Costeira taiwanesa patrulham o litoral perto da ilha de Penghu durante passagem de uma embarcação de guerra chinesa

que celebrou a democracia de Taiwan. A China, por sua vez — que reivindica sua soberania sobre a ilha governada de maneira autônoma desde 1949 e nunca descartou a possibilidade de recorrer à força para retomar o território — denunciou as palavras dele como uma "confissão de dependência".

70% DOS CHIPS AVANÇADOS

Lai disse, durante a cerimônia de posse, que a comunidade internacional estava preocupada com a segurança de Taiwan. A declaração, conforme a AP, provavelmente refletia o papel-chave do território nas cadeias de suprimento dos chips de

computador mais avançados — 70% da produção mundial procedem de Taiwan — bem como seu papel como um baluarte democrático contra os movimentos chineses para afirmar seu controle sobre a região da Ásia-Pacífico.

— Continuaremos defendendo os valores de liberdade e democracia. Seguirei na linha de frente com nossos irmãos e irmãs do Exército para defendermos juntos a segurança nacional — afirmou o novo líder, que também disse buscar diálogo com Pequim.

O porta-voz da diplomacia chinesa, Wang Wenbin, disse que "as forças de independência de Taiwan fi-

carão com as cabeças quebradas e [terão] sangue escorrendo após a colisão com a grande... tendência de a China alcançar a unificação completa".

ENSAIO DE BLOQUEIO

Em coordenação com o Exército, a Guarda Costeira de Taiwan mobilizou sua frota para "monitorar os movimentos nas águas marítimas próximas" e defender "a soberania e a segurança do país". Segundo a AFP, autoridades taiwanesas mobilizaram quatro caças.

O professor e analista Zhang Chi, da Universidade Nacional de Defesa de Pequim, comentou no canal Televisão

Central da China (CCTV) que os exercícios chineses na região pretendem ensaiar "um bloqueio econômico à ilha".

Os EUA pediram à China que atue com "moderação" durante suas manobras militares, sem utilizá-las como "pretexto ou desculpa para provocações ou medidas coercitivas". De acordo com uma autoridade americana, Washington vê com preocupação e "monitora de perto" os exercícios. Os EUA, que recentemente aprovaram bilhões de dólares em ajuda militar ao governo de Taipei, também disseram estar "confiantes na postura anual de força" na região.

Com NYT e AFP

Funeral de presidente reúne Eixo da Resistência no Irã

Líder do Hamas, Ismail Haniyeh, esteve em cúpula sobre guerra em Gaza com autoridades iranianas e representantes de outros grupos

FOT: AP

O último dia do funeral do presidente do Irã, Ebrahim Raisi, morto aos 63 anos em um acidente aéreo no domingo, foi marcado pela presença de milhares de iranianos pelas ruas de Teerã e Meshed para prestar homenagem ao clérigo e escalar seu caixão até o santuário sagrado do imã Reza. No dia anterior, à margem dos ritos fúnebres, Teerã sediou uma cúpula entre as lideranças dos grupos que compõem o chamado Eixo da Resistência — movimentos espalhados pelo Oriente Médio que são financiados e armados pelo Irã — para discutir a guerra entre o grupo terrorista Ha-

mas e Israel na Faixa de Gaza, segundo informou a mídia estatal ontem.

GUARDA REVOLUCIONÁRIA

Os líderes reuniram-se após participarem de cerimônias organizadas em Teerã, na quarta-feira, que também registrou multidões de iranianos pesarosos com a morte abrupta do presidente. A reunião contou com a presença do deputado do movimento xita libanês Hezbollah Naim Qassem; do porta-voz dos houthis do Iêmen, Mohammed Abdulwahid; de representantes da Jihad Islâmica, da Frente Popular para a Libertação da Palestina, de grupos militantes no Iraque, e do líder prisioneiro do Hamas, Ismail Haniyeh,



alvo de um mandado de prisão solicitado pelo procurador-chefe do Tribunal Penal Internacional (TPI).

As lideranças se reuniram com o general Hossein Sala-

mi, comandante da Guarda Revolucionária do Irã, força de elite do país, e Esmail Qaani, chefe do braço de operações estrangeiras da Guarda, a Força Quds, para

tratar da guerra em Gaza, que eclodiu no dia 7 de outubro com um ataque do Hamas ao sul israelense.

A reunião teria enfatizado "a continuação da jihad e da luta

Despedida. Uma multidão acompanha o cortejo com o corpo do presidente Ebrahim Raisi na cidade de Birjand

até a vitória completa da resistência palestina em Gaza com a participação de todos os grupos e frentes de resistência na região", disse a emissora estatal Irã. Haniyeh também já havia tido uma audiência com o líder supremo do Irã, o aliatado Ali Khamenei.

CINCO DIAS DE LUTO

O corpo de Raisi chegou ao aeroporto de Meshed, cidade natal e destino final do líder iraniano, ontem mesmo. Dezenas de milhares de iranianos saíram às ruas, muitos levando flores brancas. Além do líder iraniano, também morreram no acidente o chanceler Hassan Amir-Abdollahian e outras pessoas da comitiva.

O líder supremo do Irã, Ali Khamenei, decretou cinco dias de luto nacional e designou o vice-presidente Mohammad Mokhber, 68 anos, como presidente interino até a eleição de 28 de junho para o sucessor de Raisi.